

**O gênero verbete em sala de aula
ou
Por que usar o dicionário nas aulas de Língua Portuguesa?**

**The entry gender in the classroom
or
Why do we need to use the dictionary in the Portugueses classes?**

Bruno de Assis Freire de Lima¹

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra²

RESUMO: Este trabalho tem dois objetivos principais: 1) realocar o papel do dicionário nas aulas de língua portuguesa, discutindo a respeito da sua função de normatizar conceitos, significados e definições, e 2) propor reflexões pedagógicas que levem à exploração do gênero verbete de forma a ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem de língua portuguesa por meio de textos. Para tanto, partimos da consulta e análise do verbete “cigano” em quatro dicionários de séculos diferentes. Feito isso, analisamos a definição de “cigano” em um notável romance da literatura brasileira, do séc. XIX, bem como em sua adaptação no gênero história em quadrinhos, datada do séc. XXI. Por fim, recorreremos a outros gêneros que não definem diretamente, mas que tomam o cigano em alguma abordagem encontrada nos dicionários pesquisados. Analisamos o tratamento dado ao cigano, focalizando aspectos micro e macroestruturais desses textos e gêneros. Ao longo de todo trabalho, são apresentadas sugestões didáticas a partir das quais o leitor-professor pode desenvolver estratégias que garantam práticas significativas de linguagem em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionário. Gênero verbete. Aulas de Língua Portuguesa.

Palavras iniciais

Pode soar estranho o segundo título que escolhemos para este texto, mas fato é que muitos professores de Língua Portuguesa são resistentes quanto ao uso do dicionário em suas aulas. Isso talvez decorra da crença de que o contexto³ é suficiente para atribuir significado aos textos. Certamente o contexto é parte importante no processo de compreensão, haja vista as relevantes pesquisas sobre texto e discurso, como Marcuschi, (2008), e Koch e Elias, (2006), por exemplo. No entanto, o fato de o contexto auxiliar na compreensão do texto não invalida ou descaracteriza as muitas potencialidades de um dicionário. O professor precisa conhecer esse potencial e ter essa clareza sobre como explorá-lo. Estejamos atentos!

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo PosLin, UFMG. Professor do Instituto Federal de Minas Gerais.

² Doutora em Estudos Linguísticos pelo PosLin, UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

³ Estamos considerando o contexto como as condições de produção e recepção de um texto, além de suas materialidades linguística, semântica e discursiva.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o dicionário não é apenas um compêndio onde se encontram definições, conceitos e significados de palavras. Apesar de esse ser o “lugar comum” do dicionário para grande parte da sociedade, ele é uma obra constituída por verbetes, ou seja, por gêneros textuais. Dessa maneira, o dicionário pode ser objeto de análise por todas as correntes de estudo de texto; sejam elas relacionadas a sua constituição linguística, discursiva ou a ambas; essa última com maior importância para as aulas de língua portuguesa.

Em segundo lugar, por o dicionário estar ancorado em um “tempo-espaço”, cada um dos verbetes que o constitui irá refletir não apenas aspectos linguísticos do léxico, mas também questões culturais, sociais, históricas e ideológicas, como atestam Krieger et al (2006). Dessa forma, reduzir o trabalho com o dicionário à procura da definição, da classe gramatical ou do sinônimo de alguma palavra implica em lançar mão de um grande potencial discursivo que lhe é inerente. O professor precisa explorar essas características dos verbetes, essenciais para a formação dos alunos críticos que buscamos.

Em terceiro lugar, se nossas práticas comunicativas se realizam pela utilização dos mais diferentes gêneros textuais, como aponta Bazerman (1995), é de se espantar a prática pedagógica do uso do dicionário apenas como fonte de definições e significados. Um gênero se relaciona com outro gênero, quando novas práticas de linguagem são requeridas, se imbricando, se sobrepondo, se complementando uns aos outros. Dessa maneira, o verbe se torna um interessante objeto para se analisar e explorar em relação a si mesmo ou em relação a outros gêneros textuais, conforme vamos explicitar neste texto.

Para que essa discussão fosse possível, partimos de quatro definições de “cigano”, recolhidas em dicionários de séculos distintos. A partir daí, buscamos a definição de “cigano” em outras fontes e gêneros que não os dicionários e verbetes. Finalmente exploramos outros gêneros em que a palavra “cigano” ocorre. Durante esse percurso, fomos propondo ações pedagógicas que, correlacionadas, ampliam a importância do dicionário nas aulas. Optamos por não indicar série ou nível de ensino em que uma atividade como esta pode ser proposta, exatamente porque não estamos propondo nenhuma atividade. As sugestões que apresentamos são estratégias de trabalho que partem do gênero verbe de dicionário. Cabe ao “leitor-professor” adaptar essas sugestões ao seu público.

Com o propósito de organizar as discussões e facilitar a leitura, o trabalho foi dividido em quatro seções, assim distribuídas: na seção 1, intitulada “*Dicionários: reflexos da sociedade*”, mostramos as transformações ocorridas com a definição dessa palavra ao longo do tempo. Quanto à seção 2, intitulada “*Há definições para o “além do dicionário”*”; usamos a definição encontrada no clássico *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Nossa intenção é mostrar que definições não são restritas apenas ao dicionário; o que parece óbvio, mas que muito provavelmente é desconsiderado por muitos professores e alunos. Sequencialmente, criticamos a definição de “cigano” em uma história em quadrinhos, adaptação livre do clássico de Manuel Antônio de Almeida. Partindo das orientações constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs+), mostramos a inadequação da definição apresentada na adaptação da obra, sugerindo ações de ensino pautadas na análise desses textos e gêneros. Já na seção 3, intitulada “*Do pejorativo ao poético: sugestões didáticas para um percurso por outros gêneros textuais*”, partimos de uma charge, uma notícia e três canções para orientar sobre possibilidades de explorar esses textos nas aulas. Em todas as seções apresentamos “sugestões didáticas”, ou seja, possibilidades de o professor

explorar o verbete, relacionando-o com outros gêneros textuais. Finalmente, a seção 4 é destinada às considerações finais, às quais se seguem as referências utilizadas na elaboração deste trabalho.

1. Dicionários: reflexos da sociedade

O homem vive em conflitos constantes: seja com ele mesmo, seja um com o outro, fato é que a humanidade está se confrontando e isso se reflete na maneira de ver o mundo, de se relacionar com a linguagem, de utilizar a língua. A linguagem carrega, em si, aspectos do seu “tempo-espaço”. A linguagem transparece a maneira como vemos o mundo, como nos relacionamos, como denominamos nossos entes.

Se as sociedades e suas linguagens mudam através do tempo, é de se esperar que os dicionários também mudem. Essas mudanças nos dicionários é assunto que deve figurar nas aulas de Língua Portuguesa: mais de que um tema relacionado à cultura geral, compreender as mudanças nos dicionários é compreender as mudanças da língua e na nossa forma de ver o mundo. O professor que trabalha nessa perspectiva tem a chance de abordar temas muito relevantes no ensino, como as variações linguística e fonológica; as classes gramaticais; análise do discurso e interpretação de textos, por exemplo.

Não foi ao acaso que escolhemos o verbete “cigano” para explorar neste trabalho: ele reflete, com clareza, a maneira como as sociedades enxergavam esse povo através do tempo. Apresentamos quatro definições referentes aos séc. XVIII ao XXI. O primeiro exemplo foi retirado do dicionário Raphael Bluteau, datado de 1728. Essa é uma versão eletrônica, disponível na web, em (<http://dicionarios.bbm.usp.br/dicionario>). O segundo exemplo, de 1832, retirado da mesma plataforma, trata-se do dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto. O terceiro verbete foi retirado do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de diversos autores, datado de 1938. Finalmente, o último exemplo é de 2009, primeira edição do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Essas informações preliminares são importantes, pois é uma forma de contextualizar você, leitor, sobre o autor e a época em que surgiram esses dicionários. Se essas informações são úteis para você, o que dizer em relação a nossos alunos? Eles certamente farão uso dessas informações quando forem analisar os verbetes.

O que estamos querendo mostrar é que o professor, ao trabalhar com o(s) dicionário(s), deve também contextualizar a turma com informações externas ao texto: sua macroestrutura deve ser considerada. As informações macroestruturais relacionam-se a dados biográficos dos autores, à descrição da sociedade da época em que a obra foi publicada; e assim por diante. Por exemplo, saber que Raphael Bluteau viveu na Europa no séc XVII, tornando-se clérigo, pode ser relevante para, dentre outros, se compreender a presença (e talvez o excesso) de referências à religião em suas definições. Saber que o dicionário Houaiss foi publicado há menos de dez anos pode ser relevante para se compreender a ausência de referências pejorativas a raças e credos, e assim por diante.

Vamos às definições, que sem da contextualização dos dicionários e da análise de cada um dos verbetes:

Séc XVIII – Raphael Bluteau

CIGANO. Cigãno. Nome, que deu o vulgo a huns homens vagabundos, & embusteyros, que se fingem nacionaes do Egypto, & obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes, dos que não quizerão agasalhar o divino Infante, quando a Virgem Santíssima, & S. José peregrinarão com elle pelo Egypto. Raphael Volaterrano faz menção desta gente, & diz, que traz sua origem de huns povos de huma terra da Persia, que fazião profissão de dizer a buena dicha. Querem outros graves Authores, que os Ciganos viessem de Esclavonia, ou de humas terras do Turco, confinantes com o Reyno de Ungria, ou com Bohemia; & será essa a razão porque os Francezes chamão aos Ciganos Bohemes, ou Bohemiens, id est Bohemos. [...] (p.311)

Séc XIX – Luiz Maria da Silva Pinto

Cigano, s. m. f. Raça de gente vagabunda de costumes particulares, e linguagem, com que se entendem.

Cigano, adj. Que engana com sutileza, e bons modos. (s/p.)

Séc XX – Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

Cigano, s. m. Homem de raça errante, que vive de ler a *buena-dicha*, barganhar cavalos, etc. (sinôn.: *gitano*; em São Paulo e no centro de Minas: *quico*); (fig.) indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta; nome de um carneiro de guia; (fig.) vendedor ambulante; *adj.* ladino, trapaceiro, errante, boêmio. (p. 281)

Séc XXI – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

adjetivo

1. relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro

Exs.: música c.; vida c.; esperteza c.

adjetivo e substantivo masculino

2. relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro

3. Derivação: por extensão de sentido.

que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio

Exs.: família c.; viver como c.

4. Derivação: por analogia.

vendedor ambulante de quinquilharias; mascate

5. Uso: pejorativo.

que ou aquele que faz barganha, que é esperto ao negociar

6. que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro)

7. Rubrica: linguística.

m.q. romani (p. 464.)

1.1. A definição de Raphael Bluteau: Séc. XVIII

Raphael Bluteau viveu na Europa nos sécs. XVII e XVIII. Filhos de pais franceses, nasceu na Inglaterra, onde viveu até os seis anos, quando mudou-se para a França, com sua mãe, fugindo dos problemas que a Inglaterra enfrentava, devido à morte de Carlos I. Desde a infância, Bluteau demonstrou interesse pelos estudos humanísticos e pela vida e prática religiosas. Doutor em Teologia, Bluteau tornou-se clérigo, foi considerado grande orador no período, característica que garantiu a ele ser designado para ir para Portugal. Recebeu o apoio da corte portuguesa, envolvendo-se, assim, também na vida política.

A obra de Bluteau é certamente muito valiosa por diversos aspectos: seu trabalho reflete o espírito do Renascimento, quando viam o dicionário como uma obra em constante evolução. Essa concepção renascentista de que tudo evolui já apresentava traços do que entendemos por variação e mudança linguística: se tudo evolui, tudo muda, o inclui a língua e os dicionários. Bluteau foi também o primeiro dicionarista a fixar um *corpus* lexical autorizado em Língua Portuguesa, elaborado a partir de 410 obras de 288 autores de língua portuguesa, inclusive do Brasil. (MURAKAWA, 2007.)

Todo esse contexto se reflete, de certa forma, nas definições de Bluteau. A definição de “ópio”, por exemplo, apresenta hipóteses sobre a droga que não condizem mais com o conhecimento que temos hoje sobre essa substância; já o verbete “Évora” apresenta uma clara deferência à coroa portuguesa. Quanto ao verbete “Tiberíades”, Bluteau chega a citar a “Divina presença de Christo Senhor Nosso” na cidade.

O dicionário de Raphael Bluteau está disponível *on-line*, no endereço informado na seção 1. Murakawa (2007) apresenta muitos outros exemplos com definições em linguagem poética; palavras gramaticais; palavras polissêmicas; etimologia; empréstimos linguísticos; vocabulário referente à cor local brasileira, dentre outros. Fica a sugestão de leitura!

Mas o que nos interessa agora é a definição que o dicionário de Bluteau traz para “cigano”: “Vagabundos” e “embusteiros”. São com esses adjetivos que inicia sua definição. Aliado a essa pecha, os ciganos são tratados como “fingidos”, os quais são forçados a vagar pelo mundo. Merece comentário o viés religioso que é impingido à definição: os descendentes dos ciganos se recusaram a agasalhar o Jesus menino, quando sua mãe Maria e seu esposo José peregrinaram pelo Egito.

Em sequência, a ocupação dos ciganos é relatada: dizer a “boa dicha” (boa sorte), o que inclui os ciganos no obscurantismo das profecias. Finalmente, o povo cigano é retratado como boêmio, característica que atravessa os séculos, chegando até os dias atuais. O verbete não traz informações sobre a classe gramatical da palavra, citando, apenas, que se trata de um “nome”.

Sugestão didática:

Além de uma análise interpretativa como a que apontamos aqui, o professor pode ainda propor trabalhos multidisciplinares. Uma pesquisa sobre a origem dos ciganos e como eram (ou são) vistos por outros grupos sociais, incluindo a Igreja e as religiões. Sua cultura, suas tradições, suas lendas... Esse tipo de ação promove não apenas espírito investigativo e contextualização para os níveis de análise, mas também reflexões sobre um importante tema

amplamente debatido na atualidade e muito caro à escola: conviver com e respeitar as diferenças.

Pesquisar personagens boêmios ou obras literárias que tratem do tema (*Quincas Berro D'água*; *Noites na Taverna*; *Memórias de um Sargento de Milícias*; *A alma encantada das ruas*; *Hilda Furacão*), ou mesmo uma pesquisa mais geral (as músicas de Adoniran Barbosa, textos sobre a Lapa: berço da boemia carioca etc) também podem gerar um trabalho proveitoso. Os alunos podem comparar o comportamento desses personagens com o que se puder inferir ou constatar sobre o comportamento dos ciganos a partir resultado das pesquisas. Uma proposta de trabalho como essa impulsiona o espírito crítico e investigativo no aluno, que poderá, inclusive, tecer análises bem fundamentadas sobre a definição de “cigano” datada do séc. XVII.

1.2. A definição de Luiz Maria da Silva Pinto: Séc. XVIII

Silva Pinto nasceu em Goiás, em 1775; e morreu em 1869, em Vila Rica, atual Ouro Preto. Sua infância se deu em sua terra natal, mas foi ainda muito jovem para Ouro Preto, com sua mãe e sua irmã. Dedicou-se a vários cargos políticos ao longo da sua vida, como também à arte de imprimir (COSTA, 2014). Silva Pinto, ao organizar seus verbetes, insere a classe gramatical, a que se segue de uma definição objetiva. Essa objetividade pode ser verificada ao se comparar a definição de “cigano” de Silva Pinto com as dos demais dicionários pesquisados: Silva Pinto mantém-se como o mais representativo em termos de objetividade na definição. Outros verbetes de sua obra podem confirmar isso: sugerimos para pesquisa as palavras “coruja” (“ave noturna de rapina”); “galo” (“o macho da galinha. Ave cazeira” (sic)); “laranja” (“fruta da laranjeira”), dentre outras.

Nas primeiras décadas do século XIX, Silva Pinto propõe a iniciativa de um plano para a instalação da primeira obra tipográfica de Minas Gerais (e do Brasil). Na época ele era major, e se tornou o principal impressor de Ouro Preto, por vários anos (BOTELHO, 2011). Seu dicionário é considerado a primeira obra escrita, editada e impressa no Brasil. Sua importância histórica é inquestionável.

O autor praticamente não utiliza exemplos para ilustrar suas definições, mas acrescenta os diferentes tipos de linguagem, como vulgar, baixo, plebeu, familiar etc. Ele não avança explicando o emprego dessa nomenclatura, o que por si só já é um convite para as aulas de Língua Portuguesa. Trabalhar o significado dessa nomenclatura, ao lado de uma pesquisa em seu dicionário arrolando palavras que a exemplifique, já se constitui como mais uma estratégia de trabalho com o dicionário em sala de aula.

A definição de Silva Pinto para “cigano” não possui nenhum teor religioso, embora continue carregada do mesmo tom pejorativo observado na definição de Bluteau. As definições se diferem pelo fato de Silva Pinto tratar de uma “linguagem” que seja característica desse povo, com a qual somente esse próprio povo se entende; o que não foi observado por seu antecessor. Finalmente, o verbeito aponta que a unidade lexical se realiza como substantivo e como adjetivo, ambos carregados de tom pejorativo e depreciativo.

Sugestão didática:

Além do trabalho comparativo com “cigano”, o professor pode ainda pedir que se comparem as construções gramaticais usadas em verbetes de Silva Pinto e Bluteau. Por exemplo, ao mesmo tempo em que as definições de Silva Pinto para “coruja”, “gallo” e “laranja” são objetivas e com frases nominais simples, a de Bluteau, para as mesmas entradas, tentem ao poético, à subordinação e ao excesso de linguagem figurada.

Os alunos podem ainda criar definições para palavras contemporâneas ao estilo de Bluteau e Silva Pinto: *mensalão*; *lava-jato*; *resenha*; *smartphone* são alguns exemplos que podem figurar em uma atividade como essa.

1.3. A definição do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: Séx. XX

Um dos mais importantes dicionários da nossa história lexicográfica certamente é o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Trata-se de uma obra efetivamente brasileira, como já constante em seu título. Datado de 1938, foi publicado em larga escala, chagando a 13ª edição, essa última em 1980.

Sua autoria é de uma equipe, o mesmo que ocorre com o *Dicionário Houaiss*. Contou com importantes nomes, como Hildebrando Barroso, Manuel Bandeira, José Baptista da Luz, Antenor Nascentes e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, cuja missão era de registrar os brasileirismos. A inclusão de brasileirismos é formalizada pela abreviatura “bras.”, logo após a palavra-entrada. (KRIEGER et al, 2006).

Apesar de seu título conter a denominação de “Pequeno Dicionário”, a obra contém em média 60 mil entradas, com mais de 1300 páginas. Essa característica peculiar alça a obra como uma espécie de “dicionário padrão do português brasileiro”. Para Krieger et al (2006), “Tal perfil confere ao PDBLP o estatuto de dicionário fundador, por excelência, da lexicografia brasileira”. Uma outra importante característica desse dicionário deve-se ao fato de ele ter sido publicado em apenas um volume, o que coaduna com a informação do prefácio de que o mesmo visava a um “grande público do país” e não apenas à intelectuais.

Quanto à definição de “cigano”, ainda que permaneça um tom pejorativo, o PDBLP apresenta um avanço em relação a seus antecessores. Aqui, o cigano deixa de ser “vagabundo” e passa a “errante”, certamente uma adjetivação mais tênue. Sua definição também apresenta o diferencial de mostrar variantes ocorridas em São Paulo e Minas Gerais, além de novos significados, como de “nome de carneiro” e “vendedor ambulante”. Aqui, como fez seu antecessor Silva Pinto, o dicionarista também apresenta duas classes gramaticais para a palavra.

Sugestão didática:

Antes de iniciar os verbetes alocados em determinada letra inicial, há uma página, com desenhos de seres que configuram nas definições da inicial em questão. No exemplo abaixo, com a letra inicial “h”, temos harpa, hélice e um cavalo-marinho.



(PDBLP, p.626.)

“Mas cavalo-marinho não começa com a letra h!”, essa observação certamente surgirá em situação de ensino. Assim, o professor tem em mãos a possibilidade de explorar a variação denominativa. Decerto há alguma outra designação para esse animal, com inicial “h”. No próprio PDBLP há: “**Hipocampo** (*hippocampo*), *s.m.* Cavalo-marinho; *monstro fabuloso, metade cavalo, metade peixe*” (PDBLP, p.641). Dada esta definição, os alunos podem ser instigados a criticá-la. Não há nem monstro, nem cavalo, nem peixe no ente “cavalo-marinho”. Outra possibilidade a partir dessa palavra “hipocampo” estaria na distinção entre afixos (prefixo hipo-; como em “hipotenso”) e radicais gregos (radical hipo, como em “hipopótamo). Os alunos podem ainda ser instigados a criar verbetes para alguns desenhos que são indicados no dicionário e, posteriormente, confrontar com as definições do PDBLB. Podem ainda ser instigados à observação de que todos os desenhos que compõem a obra são de objetos e seres, o que, linguisticamente, se converte em substantivos. Não haveria entidades abstratas no dicionário, como os sentimentos? Trata-se de outra possibilidade de pesquisa e trabalho em sala. Finalmente, uma hipótese poderia ser levantada a partir da definição de “hipocampo”: há algo de místico, de sobrenatural, de fantasmagórico até. Seria essa uma recorrência nas definições do PDBLP? Haveria outros verbetes com essa característica? Os alunos podem ser convidados e responder essas questões.

1.4. A definição de Antônio Houaiss: Séc. XXI

Desde a publicação de sua primeira edição, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* foi considerado como o mais completo dicionário do português. Muitos autores (BARME, 2006; FREITAS, 2002; NOLL, 2012) fizeram críticas bastante positivas sobre o progresso que esse dicionário representa não apenas para a lexicografia, mas também para a etimologia da língua portuguesa.

A obra, que conta com aproximadamente 230 mil verbetes, foi lançada também em versão eletrônica (CD-rom). Essa versão eletrônica oferece algumas vantagens, como a interessante pesquisa de datação dos verbetes por séculos. A obra conta com verbetes datados do século IX ao século XX. Trata-se de uma obra grandiosa, que contou com a colaboração de aproximadamente 200 intelectuais.

Em 2009, começou a vigorar o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no Brasil. Neste mesmo ano, foi lançada uma nova edição do dicionário, atendendo às mudanças previstas no acordo. Trata-se de uma edição comercial que visava colocar no mercado, em curto período de tempo, um dicionário atualizado com as novas regras. Isso gerou uma edição mais compacta, com 146 mil entradas (BENARROCH, 2014).

Quanto ao verbete em estudo, é bem detalhado, apresenta informações sobre a classe gramatical, a formação e o uso da palavra. O dicionário traz o uso pejorativo, definindo como aquele que é esperto e faz barganha. Esse é o único dicionário que classifica uma de suas subentradas como pejorativa. Ainda assim, sua definição pejorativa é menos agressiva que as anteriores, quando se percebem caracterizações como “vagabundo” e “erradio”.

Sugestão didática:

O professor tem a opção de trabalhar o texto *Ciganos x Houaiss: faltam judeus, baianos, japoneses...*, disponível em: <http://goo.gl/1VEuvZ>. O texto aborda a relação entre as definições dos dicionários e o preconceito. Outros verbetes do Houaiss são citados no texto. Os alunos devem verificar a definição desses verbetes no dicionário.

Outra sugestão é o “*jogo do dicionário*”. Após trabalhar com os dicionários em sala de aula, de maneira com que se percebam as características de cada um deles, a turma deverá ser dividida em grupos. A sugestão é que os alunos analisem pelo menos cinco verbetes de cada um dos quatro dicionários indicados, afim de comparar, diferenciar e perceber as características de construção textual utilizadas em cada dicionário.

Feito isso, o professor escolhe alguns verbetes desses dicionários e apresenta à turma apenas a palavra que é definida em um desses verbetes. De posse da palavra, os grupos devem redigir uma definição, o mais próximo possível daquele dicionário de onde o professor retirou o verbete. Por exemplo, o professor pode solicitar que os grupos definam a palavra “Sarcófago” nos mesmo moldes que eram utilizados por Bluteau. O objetivo não é “acertar” a definição do dicionário, mas promover a reflexão metalinguística durante a produção desse gênero textual.

Uma vez redigidas as definições pelos grupos, o professor as recolhe. Ele então faz a leitura de todas as definições e, dentre elas, a definição verdadeira, encontrada no dicionário escolhido. Os grupos devem votar em qual definição lida pelo professor eles consideram a

original, retirada do dicionário. Marca ponto a equipe que acertar a definição verdadeira, como também a equipe que, com a definição que produziu, conseguir enganar a maior quantidade de grupos que porventura nela votou.

2. Há definições para o “além do dicionário”

Ao introduzir suas considerações sobre a obra *Memória de um Sargento de Milícias*, cuja primeira edição data de 1852, Bosi (1994), diz que

... as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, estão isentas de qualquer traço idealizante e procuram despregar-se da matéria romanceada graças ao método objetivo de composição, próximo do que seria uma crônica histórica... (BOSI, 1994, p.132.)

Certamente, ao dizer que “estão isentas qualquer traço idealizante”, o autor se refere às idealizações típicas do Romantismo: índio, mulher, amor, como se constatava em autores daquela época. Manuel Antônio de Almeida, já inaugurando o período literário a que se convencionou chamar de Realismo, buscava, como citação do próprio Bosi, um “método objetivo de composição, próximo do que seria uma crônica histórica”. Considerando que uma crônica busca narrar uma espécie de “retrato do cotidiano”, não é de se espantar que a definição de *cigano* encontrada na obra de Almeida esteja em consonância com o dicionário do século XIX:

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria... (ALMEIDA, 1996, p. 14.)

Fato é que não devemos condenar essa visão de cigano como “praga de gente ociosa e sem nenhum escrúpulo”, quando consideramos o contexto histórico, momento de produção da obra. Vivíamos sob a égide do nacionalismo, em uma sociedade patriarcal e burguesa, na qual o destoante era ameaça à “brasilidade” que se buscava construir. Os ciganos, cuja origem é obscura⁴, representavam uma cultura com grandes diferenças em relação àquilo que se encontrava no Brasil naquele período.

Manuel Antônio de Almeida imprime em sua obra a forma com que os ciganos eram vistos naqueles tempos, ou seja, a definição literária que o autor apresenta – assim como ocorre nos dicionários – traz traços do momento histórico de sua produção. Como já dito anteriormente, dicionário e obra do século XIX se aproximam na definição de cigano.

Essa relação de contiguidade entre obra e dicionário da mesma época é algo esperado, haja vista o já comentado reflexo histórico e social nos textos. Porém, não é o que se percebe

⁴ Acredita-se que sejam povos árabes.

em textos do século XXI. Os Parâmetros Curriculares Nacionais+, datados de 1997 não definem, tampouco citam os ciganos, mas orientam contrariamente a práticas discriminatórias:

Um dos pilares da confiança que os alunos depositam nos professores é a sua postura ética: parece claro que professores éticos criam condições de trabalho fecundo na escola porque conseguem mobilizar a atenção dos alunos para focos de interesse pertinentes.

Para que desenvolva uma postura educativa coerente com a cidadania, o professor deve atentar para alguns pontos:

- prevenir a violência na escola e fora dela;
- lutar contra os preconceitos e as discriminações – sexuais, étnicas e sociais... (PCNs+, 1997. p.89.)

A obra que vamos analisar, datada de 2011, trata-se de uma adaptação do romance de Manuel Antônio de Almeida para o gênero história em quadrinhos. Por esse motivo, a obra adaptada já merece crítica positiva: possibilita aos estudantes – principal público alvo do gênero história em quadrinhos – o contato com um clássico da nossa literatura por meio de um gênero pertencente às suas práticas de leitura. Essa adaptação, feita por Cavalcanti, é datada de 2011, momento posterior à publicação dos PCNs+. É, portanto, de se esperar que se observassem as orientações dos documentos pedagógicos vigentes, sobretudo no que se refere ao preconceito contra etnias. Não é o que ocorre com a obra:



(CAVALCANTI, 2011. p.20.)

Ao mesmo tempo em que é justificável a definição de “ciganos” na obra original de Manuel Antônio de Almeida, o mesmo não se pode dizer da adaptação em quadrinhos. Ora, adaptar uma obra não significa simplesmente transpô-la de um gênero a outro, mas adequar sua linguagem ao público previsto e ao momento histórico de sua adaptação. Como se nota, a adaptação mantém características da definição de cigano encontrada no dicionário do séc XIX.

Sugestão didática:

O discente pode ser convidado a confrontar as definições de “cigano” nos dicionários dos quatro séculos aqui indicados, orientado a perceber a existência de subjetividade e preconceito em cada uma dessas definições. Aliado a isso, também pode confrontar as

definições de Almeida e Cavalcanti, comparado com a que mais se assemelha nos dicionários aqui apontados. Finalmente, o professor pode solicitar aos alunos que busquem por definições em outros gêneros (romances, reportagens, crônicas, etc) para compara-las com as definições encontradas nos dicionários.

3. Do pejorativo ao poético: sugestões didáticas para um percurso por outros gêneros

Vamos considerar esta charge, publicada em 2008:



(<http://fatosemcharges.files.wordpress.com/2008/11/duke69.jpg>. Acesso: 17/04/2016.)

Embora no texto não apareça a palavra “cigano”, sua representação está clara na linguagem não-verbal. Na charge vemos uma cigana fazendo a leitura da mão do Daniel Dantas, envolvido em escândalos de corrupção. Ao que interessa este trabalho, vamos nos ater à definição de “cigano” como aquele que “lê o futuro nas mãos das pessoas”. Essa ideia está contida nas definições de Bluteau, para quem os ciganos “fazião profissão de dizer a boa dicha”. Essa mesma expressão é encontrada no dicionário do séc. XX, PDBLP: cigano é o homem que “vive de ler a buena-dicha”.

Datada de 1778, “buena-dicha” é definida pelo Houaiss como “*substantivo feminino: Rubrica: ocultismo. Sorte fausta ou infausta de um indivíduo, supostamente inferida por algum meio ocultista (p.ex., pelas linhas da mão); sina, fortuna*”(p.335). Saber o que é “buena-dicha” corrobora para o preconceito contra os ciganos, pois são incluídos na categoria dos “ocultistas”.

Conforme sugerido aqui, o discente tem a possibilidade de usar o dicionário para elucidar a definição de “buena-dicha”. Tanto em Bluteau, quanto no PDBLP, o contexto não é capaz de elucidar o significado da expressão. Isso demonstra que, em determinados casos, é necessário, sim, recorrer ao dicionário para significar uma palavra, uma expressão ou, ainda, um próprio texto.

Passamos agora para este título e subtítulo de uma notícia publicada em Portugal:

Polícia movido por “ódio racial” condenado por balar cigano

PEDRO SALES DIAS 16/04/2016 07:49

Jovem atingido na cara necessita de cirurgia e não consegue comer normalmente. O tribunal não teve dúvidas: foi alvejado por ser cigano.

(www.publico.pt/sociedade/noticia/policia-movido-por-odio-racial-condenado-por-balar-cigano-que-so-queria-conversar-1729238. Acesso: 17/04/2016.)

É obvio dizer que uma pessoa “alvejada por ser cigano” devido a um “ódio racial” é alvo de preconceito. Orientamos que o professor leve a notícia completa para os alunos (disponível em: <https://goo.gl/KZxzVA>). O texto – escrito em português europeu (PE) – oferece a possibilidade de trabalhar com variação. Por exemplo, “*Posso falar consigo?*”, que ocorre no primeiro parágrafo, mostra o uso de um pronome cuja ocorrência é rara no português brasileiro (PB). Também no primeiro parágrafo temos a construção “...*que trajava à civil*”, cujo correspondente em PB é “estava à paisana”. No segundo parágrafo, temos “...*a apanha da azeitona*”, em que ocorre um substantivo nada frequente no PB, cujo sentido é inferido no contexto, “colheita”. Há também construções gramaticais típicas do PE, como a segunda pessoa do plural⁵.

O texto, ao dizer que “*Igor foi mirado pela espingarda de um agente “que não reconhece a vítima como uma pessoa digna dos direitos de um interlocutor numa sociedade democrática e pluralista”*”, novamente revela atitude preconceituosa do policial criminoso, além de, discursivamente, revelar uma contradição: se o agente criminoso vive em uma sociedade democrática e pluralista, era de se esperar que ele não classificasse as pessoas como “dignas” ou “indignas” de conversar com ele.

Os próximos textos são músicas recolhidas de épocas diferentes: uma do início e outra do final do séc. XX e uma do séc. XXI. Têm em comum a ocorrência de “cigano”:

Texto I: O Cigano - (Marcelo Tupinambá – 1924)

Cigano / que sabias o engano / por que me fizeste tão mal? / Não fora / a canção traidora / e o meu sonho seria eternal / Quem há de / fugir à realidade / que vem desmentir a ilusão?

(<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/03/o-cigano.html>. Acesso: 20/04/2016.)

Texto II: Alteza - (Caetano Veloso – 1981)

Sou uma rainha que voluntariamente / Abdiquei cetro e coroa / E que me entrego e me dou / Inteiramente ao que sou / A vida nômade que no meu sangue ecoa / Abro a porta do carro fissurada / Toma-me ao mundo cigano / E sou puxada por um torvelinho / Abraça a todos os lugares / Chamam por mim os bares poeirentos / E eu espreito da calçada / Se meu amor bebe por lá / Como me atraem os colares de luzes

(www.vagalume.com.br/maria-bethania/alteza.html#ixzz46714aeNb. Acesso: 20/04/2016. Fragmento.)

⁵ Obviamente há muito mais o que se explorar nesse texto. Estamos apenas elucidando alguns caminhos.

Texto III: Alguma voz - (Dori Caymmi – 2014)

Quando eu ouço a voz do rio / Me lembro de passarinho / Um é livre outro é vadio / Cantando pelo caminho / Quando eu ouço a voz do vento / Não acerto nem me engano / Não é mágoa nem lamento / É cantiga de cigano

(www.kboing.com.br/maria-bethania/1310503-alguma-voz.html. Acesso: 20/04/2016. Fragmento.)

No texto I, o cigano é visto como aquele que faz mal, porque mente. Por mentir, o cigano promove ilusões. Interessante observar que se trata de uma música do início do séc. XX, em uma datação bastante próxima do romance de Manuel Antônio de Almeida, analisado na seção 2. Em outros termos, estamos mostrando que, até na linguagem poética, em se tratando de música, os ciganos mesmo que recaia algum romantismo sobre eles, são vistos como enganadores, como aqueles que iludem.

Quanto ao texto II, já mais próximo ao final do séc. XX, a alteza é comparada ao cigano. Há, aqui, uma inversão da ideologia pejorativa contra esse povo. A vida é nômade como cigano. O mundo cigano envolve o eu-lírico, bem recebido ao ser “abraçado por todos os lugares”. Há, ainda, o traço do cigano como boêmio, pois os “bares poeirentos” são frequentados, ao mesmo tempo em que o eu-lírico fica à espreita nas calçadas. Finalmente, o eu-lírico se assume atraído pelos colares de luzes, possivelmente os de ouro.

Finalmente, o texto III apresenta a cantiga do cigano como algo fabuloso, comparado à voz da natureza (rio e vento). É isenta de acerto e de engano, não possui mágoa nem lamento. Trata-se de algo neutro, sem nenhuma referência à jocosidade com a qual os ciganos foram tratados por exemplo na reportagem portuguesa e no texto I, de Marcelo Tupinambá. O professor pode levar esses três textos para que os alunos comparem a abordagem que é feita em cada um deles, conforme fizemos aqui.

4. Considerações finais

Neste trabalho, mostramos algumas possibilidades de realocação do papel do dicionário nas aulas de língua portuguesa. Certamente consultar o dicionário como fonte de informações sobre o léxico tem sua indiscutível importância em toda e qualquer esfera de comunicação. No entanto, no universo escolar, olhar o verbete como gênero permite ao professor inúmeras frentes de trabalho e relação com outros textos e gêneros, como mostramos aqui.

Esperamos que as nossas considerações sirvam de inspiração para novas abordagens pedagógicas. Há diferentes tipos de dicionários, como os terminológicos, os de sinônimos; os de ideias afins; os históricos; os etimológicos etc. Cabe ao professor conhecer esses dicionários e, a exemplo do que fizemos neste texto, desmitificar o *lócus* quase sacro em que eles se encontram, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos linguísticos e culturais dos educandos.

Referências

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 25. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BARME, Stefan. *O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: etimologia, datações e brasileirismos*. Zeitschrift für romanische Philologie 122, p. 237-246, 2006.
- BARROSO, Hildebrando. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Edição revista por Aurélio Buarque de Hollanda).
- BAZERMAN, Charles. System of genre and the enactment of social intentions. In: FREED-MAN, A; MEDWAY, P. *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1995. p. 79-101.
- BENARROCH, Myrian. A lexicografia em movimento: do Houaiss (H) ao Grande Houaiss (GH) passando pelo Dérom (Dictionnaire Étymologique Roman). Datação e etimologia do léxico hereditário. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Vol. VII. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra : Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. (Disponível em: <http://goo.gl/ICGDkb>)
- CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Memórias de um sargento de milícias em quadrinhos*. São Paulo: Ibpem jovem, 2011. (Adaptado da obra de Manuel Antônio de Almeida)
- FREITAS, Horário Rolim de. Dicionários e etiologias. *Confluência*. Rio de Janeiro, n. 24, p. 113-125, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa? In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. V. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010.
- KRIEGER, M. G.; MULLER, A. F.; GARCIA, A. R. R.; BATISTA, R. P. O Século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. In: *Alfa*: São Paulo, 2006. p. 173-187.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MURAKAWA, Clotilde. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos. In: *Novas contribuições para o estudo da história da língua portuguesa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.
- PINTO, Luis Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832. (Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/3.>)

ABSTRACT: In this paper we discuss two points: 1) how to give to the dictionary another place in the Portuguese classes, beyond your regulatory function about concepts, meanings and definitions; and 2) how to propose pedagogical reflections about the work with the genre entry to enlarge the possibilities of the teaching and learning Portuguese from texts. Therefore, we start from consultation and analysis of the entry "gypsy" in four dictionaries of

Gláuks v. 16 n. 1 (2016)

different centuries. Then, we analyze the definition of "gypsy" in a remarkable novel of Brazilian literature of the century. XIX, as well as adapting the genre comics, dated century. XXI. Finally, we turn to other genres that do not define themselves but which take the gypsy in any approach found in dictionaries surveyed. We looked at the treatment of this word, focusing on micro and macro-structural aspects of these texts and genres. Throughout this paper, we presented teaching suggestions from which the reader-teacher can develop strategies that ensure significant practices of classroom language.

KEY-WORDS: Dictionary. Gender entry. Portuguese classes.